

# RUÍNAS DE UM TEATRO NA CIDADE EM MUTAÇÃO

[https://doi.org/10.14195/2182-844X\\_9\\_4](https://doi.org/10.14195/2182-844X_9_4)

## Entrevista com Lídia Fernandes

por **Sílvio Luiz Cordeiro** e **Dirk Michael Hennrich**

12 de Outubro de 2022 / Museu de Lisboa – Teatro Romano

No dia 12 de Outubro de 2022, a arqueóloga Lídia Fernandes, coordenadora do Museu de Lisboa - Teatro Romano foi entrevistada, em conversa bem-humorada nas ruínas do monumental teatro que compunha a paisagem da antiga cidade de *Felicitas Iulia Olisipo*, hoje um sítio arqueológico da maior revelância na arqueologia em Portugal.

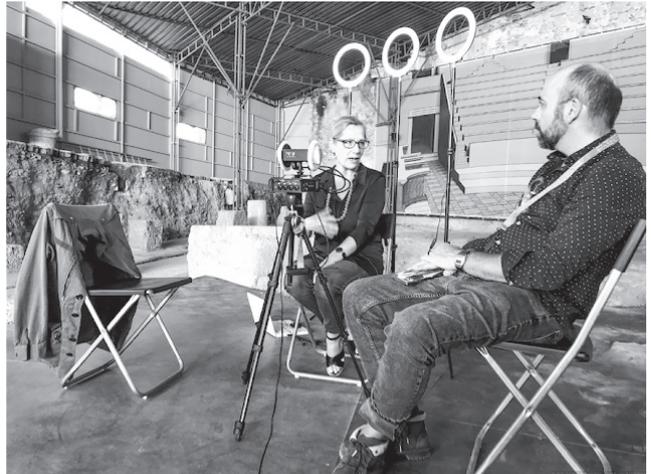
Especialista na arqueologia da arquitectura deste relevante sítio, entre outros no contexto de sua trajetória profissional e de investigação académica,

ela reflete sobre a importância do património e dos testemunhos físicos do passado, que nos dão uma referência essencial à nossa própria existência, dimensão efêmera em contraste com a permanência das ruínas.

Os restos do teatro de época romana, exemplares nesse sentido, podem ser uma lição ao pensarmos a condição humana e a finitude. Ninguém é indiferente ao facto das ruínas: elas provocam o entretecer de vários sentidos, que ultrapassam



Registos da gravação da entrevista com a arqueóloga Lídia Fernandes (no centro da imagem). Imagem de Silvio Luiz Cordeiro (à esquerda) com Dirk Michael Hennrich (à direita).



Cenas da entrevista com Lúcia Fernandes.

novas construções e obras diversas no entorno das ruínas, numa ambiência sonora que revela o dinamismo da cidade, captada durante a gravação da entrevista. São sítios como este que nos servem como um porto seguro na voragem do tempo e da instantaneidade vivenciada no presente.

A conversa com Lúcia Fernandes realizada no dia 12 de Outubro de 2022 / Museu de Lisboa – Teatro Romano, infra-transcrita, encontra-se disponível através dos seguintes códigos e links.

#### Vídeo



<https://vimeo.com/767653634>

#### Áudio



<https://soundcloud.com/antropocena/episodio5>

**Transcrição da Entrevista com Lúcia  
Fernandes [L], por Sílvia Luiz Cordeiro  
[S] e Dirk Michael Hennrich [D]**

L Silêncio!

S [Risos] Silêncio no Teatro Romano de Lisboa!

L Vai ser por pouco tempo, pois devem chegar aí uns 50 *tuk tuks* logo de seguida!

D Melhor falarmos logo então! [Risos]

S Hoje é dia 12 de Outubro de 2022. Estamos em Lisboa, capital de Portugal, com Lúcia Fernandes, arqueóloga, coordenadora do Museu de Lisboa - Teatro Romano; estamos nas ruínas deste sítio arqueológico impressionante na cidade, de suma importância à história urbana de Lisboa; Lúcia, nós incorporamos o ruído, os sons do ambiente, então a gente poderia falar, por exemplo, da característica de uma cidade, uma metrópole, uma capital, uma cidade grande, uma característica desse nosso tempo são ruídos, os sons, essa ambiência da cidade...

L Sim, por um lado é um pouco *sui generis*, nós estarmos num sítio arqueológico que está situado no centro, no âmago de uma capital europeia, portanto não é normal um sítio arqueológico desta dimensão estar situado na parte histórica de uma cidade, uma capital e de uma capital com uma história tão rica quanto é Lisboa. Existem, naturalmente, mais teatros em Espanha, em Portugal só existe um outro em Braga, que não está musealizado, portanto não

está completamente intervencionado arqueologicamente, portanto não é visitável, as pessoas não podem aceder ao espaço; e em Espanha existem muitos outros teatros, mas em capital europeia, Lisboa e Roma são as únicas que possuem um teatro de época romana. Atenas possui dois teatros de época grega, mas teatros de época romana (romanos) apenas estas duas cidades europeias: Roma e Lisboa. Não deixa de ser um bocadinho irónico, nós no canto oposto do império termos de facto um teatro romano equiparável ao de Roma! Aliás, é um facto muito curioso que Roma, sendo a capital do império, e tendo igualmente uma história antiquíssima, ter sido uma das últimas cidades onde existiu um teatro feito em pedra, ou seja, as restantes cidades que iam sendo conquistadas por Roma, tiveram desde tempos mais recuados, teatros permanentes em pedra, enquanto que Roma foi um local onde mais tarde vão ser construídos teatros em pedra. O teatro mais antigo de Roma em pedra é de 55 a.C., o Teatro de Pompeu, um teatro enormíssimo, mas antes dessa data muitos outros teatros em pedra na Península Itálica e também em Espanha e outras províncias, foram construídos. Portanto, não deixa de ser curioso. A função de um teatro romano em época romana e em época grega é muito diferente do entendimento que nós temos hoje sobre os teatros. Hoje ir ao teatro é um ato cultural, podemos quase dizer que é um ato meramente cultural, mas em época romana era um ato religioso e passou a ser também um ato político: era um ponto de encontro, naturalmente, mas era quase obrigatório ir ao teatro, uma vez que respondia a uma função religiosa e de exaltação do poder religioso que passou a ser igualmente um poder político, quando os próprios imperadores

suscitam o seu culto, e vamos encontrar essa matriz em épocas muito posteriores, quando, por exemplo, na II Guerra Mundial, os regimes totalitários, em que o poder do culto - da propaganda do próprio ditador - é quase uma obrigação perante a população. Vemos aqui onde os regimes totalitários europeus foram buscar esta fórmula que resulta, e, como se comprova pela história, foram beber essa informação de facto à época romana. Nós acreditamos que somos os criadores da propaganda no sentido actual, mas não somos: os romanos sabiam tirar partido da propaganda como ninguém e, portanto, posteriormente, vão-se beber esses ensinamentos.

D E esse teatro aqui se situa num lugar muito especial também da antiga cidade de Lisboa, e que outros teatros hoje em dia já não tem [a mesma implantação], eles são mais inseridos nos centros urbanos, em zonas baixas, mas esse teatro tem um lugar especial. E também em contraste com a paisagem. Porquê?

L Exactamente, a própria escolha do local onde o Teatro Romano de Lisboa foi edificado, procura responder exactamente a esta função, a esta dupla função de marca no território, portanto, um edifício volumetricamente muitíssimo impactante - temos de pensar que, antes dos romanos, edificações desta dimensão não existiam, naquilo que nós hoje consideramos que é a Europa [não é], portanto não existiam edifícios deste tipo, em termos de povoações normais, portanto durante a Idade do Ferro, antigos povoados não tinham este tipo de edificações e o próprio conceito de cidade tal como nós hoje o herdámos foi, digamos, uma invenção romana. É claro que existem tradições

mais antigas, até do Próximo Oriente, da Grécia, mas o conjunto citadino como nós hoje entendemos a cidade é uma criação, digamos assim, de época romana. E, portanto, a edificação do Teatro Romano de Lisboa na encosta do actual Castelo de São Jorge, com uma volumetria enorme, basta dizer que o teatro teria, no mínimo, 71 metros de diâmetro, daria para uma capacidade de cerca de 4 mil espectadores, nenhum teatro em Lisboa hoje em dia tem essa capacidade, no máximo não chegam aos mil espectadores. Portanto é curiosa também esta relação. Mas o teatro foi edificado a meio da colina e, portanto, era imediatamente visto por quem chegava à cidade vindo pelo rio e o impacto deveria ser avassalador, era esse o objectivo de uma construção deste tipo nos inícios da conquista romana. Era o de este império ser entendido como tal, como um império, ou seja, não haveria como combater um império deste tamanho, que criava edifícios tão megalômanos como o Teatro Romano [de Lisboa], onde entravam numa só vez 4 mil pessoas, e que numa questão de minutos poderiam sair e entrar novamente. Portanto, todo o sistema de acesso ao próprio *monumentum* estava de tal forma bem estudado que só em época mais recente é que os campos de futebol, por exemplo, conseguem fazer este acesso tão facilitado, não é, entrar rapidamente e esvaziar rapidamente. Portanto estas formas de encaixar toda a população, não tem nada a ver com o aspecto democrático, embora o teatro seja o mais democrático de todos os edifícios públicos que existiam em época romana, mas é uma democracia aparente, como hoje existem tantas.

D Era na época romana que o teatro tinha, talvez, como hoje a Internet, uma função também

de manipulação e de controle, ou como a televisão há uns trinta anos atrás...

L Naturalmente.

D E era, por isso, tão importante ter essa construção, não é?

L Exacto, precisamente. É uma falsa democracia. Todas as pessoas poderiam entrar no teatro e, portanto, perante esta afirmação, pode-se pensar que era de fato um edifício aberto a todos, democraticamente aberto a todos, mas quando as pessoas entravam tinham de seguir uma série de códigos de conduta, e o assento de cada um no interior deste espaço era previamente combinado, ou seja, todos sabiam onde deveriam sentar, e nunca um senador poderia sentar-se junto a um escravo, e, portanto, a estratificação social era mais seguida e procurada. Portanto sendo um espaço aberto, cada um sabia onde se sentar e havia profissionais do teatro, funcionários do teatro que tinham por obrigação conduzir quem não estivesse bem sentado, ao seu lugar correcto dentro deste espaço.

S Lídia, eu gostava de pedir o seguinte: as pessoas que vão ouvir, elas não vão ver imagens...

L Não vão estar aqui...

S Não estarão aqui. [Descrever] onde nós estamos, na situação das ruínas.

L Contextualizar, sim...

S Sim, descrever inclusive também a ideia toda de visitação, pois é um espaço, no fundo, aberto à cidade, as pessoas podem circular em volta, tem uma visual aberta para esse núcleo do teatro.

L Aliás, como se pode confirmar pelos ruídos que vamos ouvindo ao longo desta conversa, nós tentamos fazer gestos para as pessoas falarem mais baixo, mas estamos no centro da cidade antiga de Lisboa. E, portanto, estes sons de obras, de visitantes que entram no espaço, de caminhanças que passam por um passadiço metálico que atravessa uma das ruas que se sobrepôs às ruínas do teatro na parte norte, tudo isso faz parte deste sítio arqueológico. O Museu tem entrada paga, com um bilhete [de valor] quase simbólico, mas o sítio arqueológico é de entrada gratuita, está sempre aberto desde às 10 da manhã até às 18 horas da tarde, inclusivamente fins-de-semana, apenas encerra à segunda-feira para manutenção. E estamos numa cidade viva, que é a capital de um país, e onde se processam todas as actividades e onde passam todas as pessoas que é possível passar numa cidade que é viva, não é? Portanto, isto também faz parte da própria actualidade do sítio arqueológico. Nós temos na parte inferior, estamos rodeados por perfis estratigráficos, e o que é isto? Nós estamos enterrados cerca de 2 metros em relação ao pavimento actual por onde passam os carros e passam as pessoas, e estamos enterrados porque as estruturas arqueológicas estão debaixo de terra. E esta estrutura arqueológica do Teatro Romano [de Lisboa], ficou enterrada, portanto o teatro foi abandonado, sabemos hoje pelas intervenções arqueológicas, nos finais do século V d.C., já não estaria em funcionamento enquanto teatro,

enquanto espaço de representação, mas ao longo dos séculos muitas outras pequenas construções foram aproveitando os seus muros, as suas estruturas e foram-se adaptando e foram adaptando as estruturas do próprio teatro àquilo que as pessoas queriam. E, portanto, não ocorreu aqui qualquer desgraça assim repentina, portanto não houve um terramoto que destruísse o teatro, não houve uma bomba, não aconteceu nada de terrífico, quer dizer, muitas coisas terríficas acontecerem a esta cidade, mas não foi por isso que o teatro foi destruído. Portanto, ele foi sendo aproveitado e foi sendo camuflado lentamente ao longo dos séculos. Quando depois do Terramoto de 1755, a cidade foi reconstruída, foi sobretudo essa reconstrução que provocou grande alteração da cidade antiga, mas que simultaneamente permitiu a descoberta das cidades mais antigas. E, portanto, quando se abriu a rua de São Mamede, nos finais do século XVIII, concretamente em 1798, foi quando estas estruturas apareceram pela primeira vez.

S Então foi na abertura dessa nova via dentro da cidade.

L Exactamente, e, portanto, quando tiraram os escombros, quando escavaram para construir esta nova rua, que passa do nosso lado sul, mais junto ao rio Tejo, um pouco mais, foi quando as estruturas arqueológicas surgiram, a cerca de 2 metros de profundidade, e que foram inclusive desmontadas, e, portanto, nós temos estes perfis de terra, e essa terra tem, sobretudo duas épocas, a época tardo-romana, mas tem depois o século XIX, devido às tais obras de construção da rua, e estamos rodeados de terra, o que é também curioso: esta terra está imutável, nós estamos

aqui a olhar para ela, do meu lado direito estou a olhar para os vários estratos de terra; se olhar para o [lado] nascente também vejo 4 metros quase de altura de terra que documenta os vários estratos que encheram esta cidade ao longo do séculos, e nós temos, se recuássemos à época romana, portanto, há mais de 2 mil anos atrás, estaríamos no principal corredor, existiam dois, um ao nascente e outro ao poente, mas num dos principais corredores de acesso à parte central do Teatro Romano [de Lisboa]. Portanto, as pessoas de maior condição social, a elite cidadina, entrava do nascente para o poente, quase ao nível onde nós hoje nos encontramos, as pessoas entravam e dirigiam-se à parte da orquestra, que não tem o mesmo significado que nós hoje damos, a palavra *orchestra* em época romana significava o espaço que nós hoje entendemos como sendo a plateia, a parte mais próxima do palco, e onde se sentava a elite cidadina e, portanto, as pessoas entravam por aqui, por onde nós estamos, seríamos atropelados, digamos assim, por senadores com as suas togas, que passavam por aqui para se dirigirem aos seus lugares sentados de elite, mais perto do palco, e seriam certamente aplaudidos nesta passagem, quase simbólica de entrada no edifício mais importante. São turistas que estão agora a chegar aqui ao Teatro Romano [de Lisboa], já não são apenas os senadores [risos], são turistas que estão a “gritar” quando entram e quando vêem a vista magnífica que se tem para o rio!

D Gostaria de saber, depois dessa magnífica explicação, porque estamos assim inundados em barulhos, saber qual é o valor para você, hoje em dia, desse sítio aqui, para se reflectir sobre o nosso tempo, e sobre, claro, sobre o passado,

obviamente, mas também sobre o nosso tempo e o futuro. Como você situa esse lugar?

S Quando nós conversamos antes, uma referência importante na Antropocênica é o conceito de ruínas, nós dizemos que o Antropoceno é uma época de produção de ruínas, em vários sentidos. Então, estarmos aqui nas ruínas do Teatro Romano em Lisboa, há toda uma camada simbólica para o que é essa reflexão sobre essa nova época, de muita transformação. Uma reflexão sua, pois estamos aqui com esse testemunho físico, com essa memória física de outrora, de uma outra paisagem urbana, a *Olisipo*...

L *Felicitas Iulia Olisipo!* Que é literalmente a cidade da felicidade! Portanto, é obrigatório ser feliz nesta cidade, não é sempre que conseguimos, mas será obrigatório para cumprir o destino! Agora temos aqui um *tuk tuk* [risos]...

S Agora é um *tuk tuk*... Nós até podemos fazer uma pausa...

L Acho que já vão sair.

S Enfim [risos], está dentro do roteiro!

L Mas acho que isto demonstra bem o quão relativo é tudo isto, não é? As pessoas param durante 3 segundos, tiram uma fotografia a um espaço, e vão-se embora. Nós próprios fazemos isto [risos], portanto não são os turistas que são os “maus”, nós próprios quando somos turistas eventualmente fazemos a mesma coisa, e não damos importância, damos importância a outras coisas, não damos importância a isto. Mas é de fato

relevante que um teatro romano capte toda esta atenção, quer dizer, os *tuk taks* por alguma razão. É porque um teatro romano com 2 mil anos não existe em todo sítio, e é um pilar, é uma referência para a nossa cultura. Não sabemos bem como, às vezes não conseguimos encaixá-la, mas é de fato uma referência, senão não teríamos aqui toda a gente, não teríamos os milhares de pessoas todos os meses a visitar o Teatro Romano. Pode ser uma coisa passageira, pode ser algo que aparentemente não nos marca, mas é um referente no nosso pensamento, no nosso imaginário, não deixa de ser um referente. E é por isso que as pessoas vão à Grécia buscar coisas antiquíssimas, por isso é que as pessoas vão à Tunísia e procuram o maior anfiteatro, o mais bem conservado do Império Romano, por isso é que as pessoas vão ao Irão, vão a Persépolis, vão a outros sítios magníficos, não é? Há um caldo comum, indelével que nos marca o nosso imaginário, que nos marca a nós próprios de alguma forma. E se nesta cultura actual em que tudo é tão passageiro, em que estamos constantemente a fazer coisas e a pensar naquelas que ainda vamos fazer, se tudo é tão volátil... Que nós quando estamos à espera de alguma coisa queremos *matar o tempo*, tem essa expressão. *Matar o tempo* é uma coisa trágica! O tempo é tão precioso, porque é que o vamos matar? Mas estamos a ver no telemóvel imagens e os vídeos que demoram microssegundos a serem vistos por nós, não é? Se nesta lufa lufa que é a vida diária, não existirem referentes mentais que nos agarrem ao que é, de facto, importante na vida — e a cultura é importante na vida — torna-se muito difícil nós seguirmos um caminho e não nos deixarmos abater por outras coisas. Portanto, há aqui uns referentes que nós nem sequer sabemos como é que são importantes para nós, mas de

fato são extremamente importantes para a vida em sociedade e para conseguirmos cumprir os nossos próprios objectivos. E este monumento já foi extremamente importante há 2 mil anos, deixou de o ser porque ficou escondido, mas passado 2 mil anos não deixa de ser curioso que tenhamos a casa sempre cheia quando trazemos ao palco uma peça clássica. Portanto, isto importa. Isto é relevante para nós, é relevante para a cultura actual, e alicerça-nos numa vida que é cada vez mais imediata e que passa de uma forma que nós nem nos apercebemos. Portanto, estes referentes culturais são, provavelmente, a única forma de termos os pés na Terra e de termos, num mundo tão volátil, algo que é fixo, que é permanente e imutável. E, portanto, são estas amarras que nos permitem ter conteúdos que nos diferenciam, mas que igualmente nos aproximam de uma cultura geral muito mais ampla do que aquela que nós usamos e usufruímos na cidade em que vivemos, no local onde existimos, não é? Portanto, estas referências que são dadas na escola, que nós lemos em livros, que vemos imagens, isto cria-nos um poder mental de saber atribuir valores específicos às coisas, e ter um grau de relatividade em relação àquilo que de veras é importante e ao que não é. Não conseguimos por vezes concretizar estas relevâncias, mas elas existem. É como quando se é bebê: há uma série de tempo; o primeiro ano de uma criança é sobretudo a estudar a reacção, a expressão daqueles que lhe são próximos, da mãe, do pai, e a criança consegue perceber se o pai ou a mãe estão zangados, mesmo que não o demonstrem. Portanto, esta leitura do Outro é possível de ser feita, mas demora tempo! E, portanto, um ano inteiro da vida duma criança, o primeiro ano para estudar as expressões do Outro, é de fato uma coisa que vai ficar para toda a vida. E

esta nossa aprendizagem de uma cultura-base, que foi usufruída por todos os nossos antepassados é algo que nos dá estrutura mental para percebermos aquilo que hoje existe.

S [Aplausos] Perfeito!

L Acho que já falei muito [risos]

D Aquelas falas que já tivemos agora durante o evento, é mesmo isso que você falou e relatou agora, que é essa enorme importância das ruínas para nós nos situarmos onde estamos no momento e para reflectir não só sobre o passado, mas também para projectar o nosso futuro. Também para sentir a nossa temporalidade, que somos uma passagem...

L Exacto. Quem somos afinal, não é? Nós somos uma partícula mínima, que não tem qualquer relevância, não é? Se pensarmos em todas as pessoas que já estiveram aqui...

S Sim.

L Que construíram este teatro, centenas de pessoas que devem ter morrido a construir este espaço, aquelas que morreram depois e que viveram aqui, que foram felizes e foram infelizes, e tiveram problemas, e umas venceram e outras não. Portanto, é todo um passado repleto de experiências de vida que temos atrás de nós.

D E o que temos ouvido, por exemplo, do Aílton Krenak, numa de suas falas agora na introdução do primeiro dia [da série Antropocênica], é essa necessidade de humildade, de recuar, de

poder ter paciência, refletir sobre aquilo que está acontecendo, e de ter essa humildade perante o Tempo em si, que é tão grande e tão cheio de coisas e tão longínquo, com coisas tão grandes para perceber em uma vida só...

L Nós de fato somos muito pouco humildes. Os homens têm o seu poder. O poder de cada homem é sempre igual.

S Eu acho que as ruínas desafiam neste sentido também...

L Sim.

S Porque elas nos dão uma dimensão...

L E nos faz sentir muito pequenos, não é?

S É [algo] muito maior. Ninguém é indiferente à presença das ruínas, então elas disparam sentimentos, o pensar sobre a finitude ou de tudo o que aconteceu, algo que nos toca profundamente no íntimo assim. Estarmos aqui... E vai além da questão da contemplação.

L Claro, sim.

S É algo muito íntimo. Cada um vai elaborar de uma certa forma.

L Alguém em época romana deve ter pensado que este edifício seria indestrutível, porque seria um edifício enorme...

D Com certeza foi construído para...

L Para ser indestrutível...

D Para ficar muito tempo...

L Nós nunca fazemos algo a pensar “não vale a pena fazer, porque não vai durar 100 anos”, não é?

D É só olhar para estas rochas aqui, ao redor de nós...

L As pessoas já também desapareceram, não é? E já aqui estiveram.

S É a marca, é a prova do trabalho humano, enfim, de todas essas pessoas que se envolveram [no trabalho], dos escravos...

L Se fôssemos humildes o suficiente ao ver estas ruínas, conseguiríamos perceber que todas as pessoas desaparecem, têm uma duração de vida muito pequena, 90 anos já se é velho... Por acaso, há uma inscrição em Idanha-a-Velha, uma cidade romana maravilhosa, fica no Norte de Portugal, Centro-Norte, duma pessoa que morreu com 100 anos! Portanto, 100 anos já seria uma boa maquia nós vivermos. O meu avô morreu com 104! Mas pronto, dentro de 100 anos as pessoas morrem, têm uma esperança de vida finita. E as ruínas são a prova de que as acções do homem podem ser muito mais prolongadas no tempo. E esta obra do Teatro Romano ainda permanece, muito truncada, mas permanece conosco, ainda bem. E, portanto, se calhar o mais importante que o homem são as acções do homem, que podem ser físicas como esta de construir um teatro, e podem não ser físicas, mas podem ter igual importância. Nós somos,

deveremos ser muito humildes, e não o somos, o que é pena...

S Lúcia, eu sei que há uma dedicação sua muito grande aqui, não apenas na sua actividade coordenando esse núcleo do Museu de Lisboa, mas você participou da escavação aqui.

L Sim, eu trabalho aqui há 33 anos. Portanto, basta [risos]! As pessoas que estão a ouvir, vão achar que eu sou um fóssil, que já estou aqui com andarilho [risos], mas escavo aqui há 33 anos, portanto, posso dizer que pessoa viva eu sou aquela que conhece melhor o Teatro Romano!

S Você pode comentar algo, enfim, um balanço do que aconteceu nessa tua trajectória aqui, como arqueóloga aqui neste sítio.

L Bem, eu escavo no Teatro Romano há 33 anos, mas escavei por toda a cidade de Lisboa, e fiz escavações arqueológicas em outros pontos do país, portanto, a minha vida sempre foi arqueologia, sempre foi muito mais que o Teatro Romano, ainda bem, mas mesmo assim é uma grande parte da minha vida. Portanto, eu tenho umas áreas de investigação próprias, que se interligam ao Teatro Romano de uma forma mais directa ou indirecta, mas sempre áreas de investigação que me dizem muito e, portanto, tenho actividades paralelas em termos de investigação, que de alguma forma se cruzam com o Teatro Romano, e também não poderia ser de outra forma, porque as minhas 24 horas são iguais às de toda a gente, infelizmente, não é? Gostaria de ter um dom de aumentar as horas de trabalho, porque há imensa coisa para investigar, e gosto demasiadas coisas para estas meras 24 horas

por dia, não é? Mas, pronto, a minha actividade é de arqueologia, não apenas romana, mas também de Idade Moderna, mas de fato a minha área mais incisiva é a época romana, e dentro deste vasto campo da época romana é, sobretudo, a arquitectura, o urbanismo, e elementos arquitectónicos de época romana, os capitéis, e isto tem ocupado uma grande parte da minha investigação. Mas, naturalmente, que as pessoas evoluem e a actividade profissional também vai modificando, e a museologia, como dar toda essa informação ao público, é uma área de análise que me tem ocupado mais nos últimos tempos. O Museu de Lisboa – Teatro Romano abriu portas em 2001, portanto, antes disso não existia o museu, apenas existiam escavações e acções de conservação do sítio arqueológico, acções de investigação, publicação de dados, resultados das escavações, mas não havia um museu. Portanto, a partir do momento em que há um museu e, especialmente, quando este sítio arqueológico passou para a gestão de uma empresa municipal que é a EGEAC, e isso aconteceu em 2016, portanto, houve um preenchimento com técnicos novos, a equipa hoje são 10 pessoas, não é só a Lúcia Fernandes, mas há mais 9 pessoas para além de mim e, portanto, há a necessidade de procurar a melhor forma de transmitir tudo aquilo que se sabe sobre o monumento para o público. Porque senão o teatro não tem relevância. Pode ter imensa importância para mim, mas eu não sou o objectivo da criação do museu, não é? Os museus são importantes [pois são] uma forma de o público sentir e poder se apropriar do que é um bem comum, que é o conhecimento dos monumentos que a cidade guarda. E, portanto, esta forma de transmitir o conhecimento e de fazer do museu um lugar impactante para o público, para quem o visita e ser relevante na sociedade, isso é um papel

que cabe aos museus, e que é cada vez mais activo. A função de um museu na actualidade não tem em absoluto a ver como aquilo que desempenhava até há 20, 30 anos, a sua função-base continua a mesma, que é a da guarda do espólio, o seu estudo e investigação e a sua divulgação, mas é, sobretudo, nesta última parte da missão dos museus - que é a divulgação ao público - que a função do museu é diferente e tem evoluído muito. E a função social do museu, ou seja, não é apenas o ensinar, o mostrar, o disponibilizar, mas é também o proteger, o defender e o de ser parte activa na sociedade de hoje. E por isso é que há actividade do museu em termos de exposições temporárias que levamos a cabo, de palestras de temas que são analisados e discutidos e abertos a todos os visitantes e toda a população, tem procurado de facto esta aproximação com esta nova função dos museus. E, portanto, se as pessoas não conhecem ao Teatro Romano, se não sabem nada sobre este monumento, também não podem proteger, nem percebem qual é a vantagem de ter um teatro romano na sua cidade!

S Sim.

L E isto apenas se altera e se modifica com um trabalho constante por parte dos museólogos, das pessoas que trabalham em diversas actividades no museu, e tem que ser uma coisa ensinada, como tudo o resto, não é? A cultura também tem de ser ensinada.

S Sim.

L Tal como nós aprendemos a ler, como aprendemos a ler as expressões faciais do pai e da mãe, nós também temos de aprender a defender

aquilo que é nosso, portanto, se não houver esta aprendizagem, tudo falha. E não queremos que falhe.

S Olha, demais! Eu achei incrível essa conversa, eu acho que foi muito importante Lídia...

L Muito obrigada Sílvia.

S Toda a sua fala tem tudo a ver com o que a gente pensa.

D E a sensibilidade que você traz com a sua descrição das ruínas aqui se reflecte naquilo que é preciso na esfera global: o que não se conhece, não se sabe preservar.

L Claro, em todos os campos.

D Em todos os campos.

L Eu estou mais focada no campo da cultura, mas em relação a tudo é exactamente isso.

S É isso, se as pessoas não conseguem compreender, mesmo que seja o potencial daquilo, é muito fácil se perder ou se destruir de uma forma que não tem retorno depois.

L E as pessoas gostam de aprender. O pior de todos são os que não querem aprender, nem sabem se gostam ou não gostam. Quem não quer ouvir o Outro, quem não quer saber algo mais porque acha que já sabe de tudo, é impossível, nem vale a pena gastar o latim.

[Risos]

D Nem o grego, nem o português!

[Risos]

S Lídia, sou profundamente grato por tudo, tudo foi muito especial o que aconteceu aqui. E é graças à ti também. Assim é uma gratidão profunda!

L Muito obrigada.

S Tudo o que a gente passou, vivenciou aqui, a intensidade foi lunar!

L Sim, chegou ao Olimpo, chegou aos Deuses!

S Chegou ao Olimpo!

L E voltou!

S E voltou [risos]! Então a gratidão é imensa!

L Obrigada.